

PALAVRA E IDEOLOGIA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO GÊNERO JORNALÍSTICO

Fernando Antônio Fragoso dos Santos – UFPB
fragoso.ufpb@gmail.com

RESUMO: Neste artigo apresentamos nossa proposta analítica do texto jornalístico, numa perspectiva ideológica. Utilizamos duas reportagens veiculadas em revistas de circulação nacional sobre um caso de comoção nacional envolvendo um famoso jogador de futebol no Brasil. O nosso objetivo maior é perceber até que ponto as palavras escolhidas podem reverberar os posicionamentos e intenções do agente produtor. Entendemos que a *palavra* é uma instância disseminadora daquilo que Volochinov aponta como *consciência verbal constituída* e, portanto, está inserida em um universo de representações articuladas e moldadas às necessidades de comunicação nas diversas instâncias da atividade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Signo. Ideologia. Palavra.

ABSTRACT: In this article we present our analytical analysis about the journalistic genre in an ideological perspective. For this, we chose two articles about a crime involving a famous brazilian soccer player in Brazil. Both texts were selected from two different major magazines in the country. Our main goal is to analyze the writer's choices in terms of words and how far these words can reflect positions and intentions. We understand that the *word* is an instance pointed out by Volochinov as *constituted verbal awareness* in a universe of articulated and built representations according to the communicative requirements in different human activity contexts.

KEY WORDS: Sign. Ideology. Word.

INTRODUÇÃO

O artigo científico que ora apresentamos é uma proposta de pesquisa acadêmica que se insere no quadro da Análise do Discurso no qual apresentamos um procedimento analítico do contexto de produção de duas matérias jornalísticas veiculadas em duas revistas semanais e de circulação nacional: Revista Veja e Revista época. As respectivas matérias discorrem acerca de um crime de repercussão nacional.

Nosso objetivo principal é identificar as marcas linguísticas que sinalizam para posicionamentos que, por sua vez, fazem emergir a dimensão ideológica que acompanha certas escolhas. As *palavras*, nesse contexto, são detentoras de uma ideologia notadamente percebida em virtude do momento social de produção textual. Assumimos uma

responsabilidade pelas palavras que ousamos dizer. Através delas nos aproximamos ou nos distanciamos do dito. No curso das produções textuais nas mais diversas instâncias discursivas, deixamos pistas materializadas linguisticamente, nas quais (re)construímos significados e evidenciamos um aspecto importante no desenvolvimento da nossa individualidade: a consciência construída socialmente.

Em se tratando do texto jornalístico, evidenciar determinados posicionamentos implica correr o risco de arcar com um ônus alto em vista da posição social que as instituições, nesse contexto, ocupam. Nesse sentido, as redações de jornais, revistas entre outros, costumam estabelecer orientações específicas sobre estilo e posicionamentos. Não é o nosso objetivo, no escopo desse artigo, entrar nos méritos das questões dos manuais de redação das empresas jornalísticas. Queremos nos voltar a uma proposta de análise e interpretação textual, da interação verbal que, como argumenta Faraco (2007), não se baseia em um modelo analítico em sua essência, mas é fruto de um conjunto conceitual.

Corroborando a dimensão do construto ideológico, do signo portador de ideologia, da palavra adaptável aos vários campos discursivos, partilhamos das concepções apresentadas por Volochinov¹ em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trabalhamos com os conceitos supracitados na perspectiva da dinâmica social e suas implicações na interação entre os sujeitos articulistas, na comunicação mediada pela linguagem essencialmente.

1. ALGUNS ENFOQUES INICIAIS

O universo dos gêneros discursivos é propiciador de inúmeras pesquisas, olhares diferenciados que buscam, além do entendimento dos aspectos constitutivos inerentes a cada instância de atividade humana, a emergência de aspectos sócio-discursivos que impliquem uma proposta sempre renovada de lidar com os gêneros.

Como argumenta Marcuschi (2002), os gêneros “[...] são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (op. cit. p. 19). Se são socialmente e discursivamente implicados, requerem de nossa parte um olhar cuidadoso para não incorreremos no risco da sistematização pura e simples. Investigar a constituição de um gênero é adentrar em um plano multidimensional no qual se entrecruzam posicionamentos

¹ Em virtude das releituras e discordâncias em relação a quem escreveu os textos que confluíram no *Círculo de Bakhtin*, optamos por considerar o posicionamento de Faraco (2009) respeitando as autorias originais e marcadas nessas obras. De ora em diante, faremos referência a Voloshinov em se tratando de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

ideológicos diversos. Tais posicionamentos são fundamentais para uma visão ampliada da maleabilidade, da flexibilidade inerente ao gênero como instância comunicativa.

Discussões calorosas e pesquisas cada vez mais aprofundadas acerca da concepção e utilização dos diversos gêneros nos impelem de admitir o quão vasto é este campo de investigação. Comunicamo-nos através dos gêneros e, portanto, contribuímos diretamente para sua infinita propagação e suas infindáveis realizações discursivas. Mais do que funcional, o gênero é língua em uso, aporte de pensamentos e condutas, construto de identidades particulares. *Palavra* e *ideologia* se fundem nessa massa extremamente heterogênea e assumem um papel relevante: o de manter o gênero sempre atual, sempre aberto aos domínios discursivos por natureza. Nessa perspectiva, ressaltamos que os discursos do entorno social estão carregados de conteúdo ideológico apreendidos, principalmente, quando resgatamos elementos fora da matéria linguística pura e simples.

Em se tratando do universo jornalístico, uma das premissas defendidas é a imparcialidade, conceito veiculado em manuais de redação e estilo de muitas empresas jornalísticas com já mencionamos inicialmente. No intuito de manter o distanciamento propício dos fatos narrados ou reportados, os jornalistas dispõem de uma série de orientações quanto às escolhas lexicais. Há espaços nos quais são verificados mecanismos de expressão informativa, como a notícia, de expressão opinativa, a exemplo do editorial, cuja função principal é a de divulgar a posição oficial da empresa jornalística frente às demandas sociais e políticas vigentes.

Os veículos de divulgação dos textos jornalísticos, o jornal impresso, a televisão, o rádio, as edições disponibilizadas na Internet, têm formatações próprias para as suas produções textuais. As revistas, a exemplo de *Veja* e *Época*, para as quais voltamos nossa análise, são espaços de confluência dos mecanismos ideológicos, ora na dimensão informativa, ora na perspectiva opinativa. Melo (1994) ressalta que:

[...] a expressão da opinião, não tomada naquele sentido de categorização das mensagens que pretendem explicitamente atribuir valor aos fatos, mas compreendida como mecanismo de direcionamento ideológico, corporifica-se nos processos jornalísticos através da seleção de incidências observadas no organismo social e que atendem às características de atual e de novo. Materializa-se através da filtragem que sofrem no processo de difusão, seja da omissão, seja através da projeção ou redução que experimentam na emissão. (op. cit. p. 69)

Trazer essas dimensões dos processos jornalísticos implica perceber as nuances da linguagem, a exemplo da característica ideológica, levando-se em consideração que o referido

contexto de produção textual traz marcas importantes. “Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de lutas de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes.” (BRANDÃO, 2002, p. 10).

2. CONTEXTUALIZANDO

Quando decidimos enveredar por essa perspectiva analítica percebemos a dificuldade em se estabelecer um ponto de partida. Esse fato se explica, principalmente, pelo fato de que precisamos entender um contexto anterior importante: as contribuições do *Círculo de Bakhtin*. As formações discursivas do Círculo variavam em diferentes proporções e caminhos, entre os anos de 1919 e 1929, contando com contribuições da filosofia, da biologia, da literatura, entre outras.

Faraco (2009) destaca dois posicionamentos relevantes no Círculo e que propiciaram novos rumos às reflexões acerca do pensamento filosófico. Inicialmente, a mudança de um paradigma científico obscurecido pelo *teoreticismo* exarcebado. Alguns pensadores, influenciados que estavam pela corrente neokantiana, posicionavam-se contrários a busca incessante pela objetividade no pensamento científico. Num segundo instante, se fez presente a motivação em torno do ataque as antigas posturas marxistas nas quais dominava:

“[...] uma lógica determinista e mecanicista, segundo a qual uma relação de causalidade simples, direta, unilinear e unidirecional entre a base econômica e as manifestações superestruturais resolveria tudo, simplória e dogmaticamente (op. cit. p. 17)

Enquanto o primeiro posicionamento foi marcado pelas reflexões de Bakhtin, o segundo posicionamento estava centrado nas considerações de Volochinov e Medvedev. Importante salientar que, quando se trata dos textos de Volochinov, percebe-se uma forte inclinação às problemáticas da linguagem, à concepção de uma teoria do signo,

O papel da linguagem, por sinal, foi umas das grandes contribuições do Círculo – a Virada Linguística – ou seja, a confluência dos estudos linguísticos (Volochinov), a relação *eu/outro* (Bakhtin) e a adaptação do método de investigação sociológico para dar conta de objetos de estudo na linguística e na literatura (Medvedev), por exemplo. Volochinov se posiciona favorável a uma reflexão sobre o enunciado, aqueles produzidos nas práticas cotidianas e os enunciados artísticos, em cujo cerne está latente o componente ideológico. A

questão da ideologia foi tratada pelos membros do Círculo, como pontua Miotello (2008), com um foco naquilo que está além da consciência individual, além da subjetividade interiorizada, além do idealismo. A ideologia é “[...] expressão de uma tomada de posição determinada” (op. cit. p. 169).

3. A PALAVRA IDEOLÓGICA

Uma característica inicial a ser destacada por Volochinov na dimensão do construto ideológico diz respeito a sua estreita ligação com a realidade, com o entorno social. As representações simbólicas, os signos são ideológicos por natureza e revestem-se de um sentido exterior à sua materialidade.

O signo cumpre sua função como representação no domínio ideológico no qual sua apreensão depende do domínio discursivo, da realidade em que se manifesta. Essa realidade permite o jogo multifacetado dos significados apenas quando, os sujeitos envolvidos (re)constróem, a todo instante, as possíveis valores semióticos. Nesse contexto surge um questionamento importante: quais os limites do universo ideológico que nos permita fugir da relativização total? Volochinov apresenta uma dimensão importante desse fenômeno ideológico:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior (VOLOCHINOV[BAKHTIN], 1988[1929], p. 33)

Essa relação direta, por assim dizer, com o mundo exterior, torna possível a identificação de marcas propícias que sinalizam para efeitos de sentido diversos nas ocorrências dos diversos signos no domínio ideológico. Uma característica importante para os estudos semióticos, na perspectiva teórica em que ora nos embasamos, está no fato de ser enviesado por uma filosofia da linguagem, cujos delineamentos nos fornecem pistas para o entendimento do papel da consciência acerca da natureza semiótica.

O elo marcante entre a ocorrência do signo e sua apreensão pelos indivíduos está na consciência de que estes se desenvolvem sobre as possibilidades que lhes são asseguradas

para lidar com tamanho repertório ideológico, semiótico, tendo a linguagem um papel fundamental.

Na verdade, ao tratarmos de ideologia, de signo ideológico não podemos esquecer de um contexto necessário: o contexto da interação. O ideológico, a consciência individual se realizam em um processo de interação social marcado pela premissa de que há algo além do humano, da individualidade, que necessita do coletivo. O indivíduo existe em suas peculiaridades e subjetividades inserido em um contexto social maior de onde emerge toda sua consciência.

Não é possível presumir a existência do construto ideológico sem presumir, previamente, a existência de um universo de signos. Esse estatuto ideológico depende de critérios de avaliação e acordos dentro do repertório de ocorrência dos vários sentidos atribuídos aos signos.

Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc, constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (VOLOCHINOV[BAKHTIN], 1988[1929], pp. 35-36)

Aí está um primado essencial para o qual Volochinov [Bakhtin] orientou seus *estudos das ideologias* que, de uma forma muito simplificada, é a incursão no vasto campo das significações construídas socialmente, comunicação humana norteadas pela linguagem e pela força da palavra. Como pontua Volochinov [Bakhtin] “a palavra é o fenômeno ideológico por natureza” (p. 36) e como tal é o veículo que transporta o construto ideológico, assumindo seu papel semiótico e sua realização material. Através da palavra assumimos posicionamentos notórios, marcamos linguisticamente nossa força enunciativa. Precisamos da palavra na comunicação cotidiana, na interação com os mais diversos campos discursivos. Mas o que diferencia a palavra propriamente dita do signo? Como propõe Volochinov (1988[1929]):

O signo [...] é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa (op. cit. p. 37)

É no acordo social que a palavra erige em sua essência e se torna capaz de carregar os sentidos desejados. Sua neutralidade a faz flexível, matéria moldável, ajustável às necessidades de comunicação e ao curso da ideologia.

4. PERSPECTIVAS ANALÍTICAS: DIZER ALÉM DAS PALAVRAS

Se pensarmos no contexto de circulação dos textos jornalísticos, bastante amplo e mutável por sinal, percebemos as implicações diretas do uso da palavra trazendo consigo marcas de posicionamentos ideológicos. A palavra se presta, nesse contexto discursivo, à sua função de lugar material, depósito de um querer dizer explícito ou implícito. A premissa jornalística da imparcialidade é desconstruída pelo uso da palavra e das intenções ali veiculadas.

Nas matérias jornalísticas que escolhemos como base para o nosso empreendimento analítico, queremos mostrar as implicações de certas escolhas linguísticas. Para tanto, selecionamos dois textos de duas revistas de circulação nacional, *Revista Veja* (edição 2173) e *Revista Época* (edição 634), ambos publicados, com destaque na capa, em julho de 2010, tratando do mesmo assunto: a comoção nacional em virtude do *assassinato de Eliza Salmudio*, apontada na mídia como ex-amante de um dos jogadores de futebol mais aclamados do país. Para fins de análise e contemplando os propósitos desse artigo, recortamos dos textos selecionados o título e o subtítulo.

(1)

FRIEZA, CRUELDADE E SELVAGERIA

Espancada, torturada e morta por asfixia, Eliza teve o corpo esquartejado e lançado a cães ferozes. A polícia suspeita que os animais já haviam se alimentado de carne humana antes. O goleiro Bruno está preso sob a acusação de ser o mandante do crime. O Flamengo se cala.

Fonte: Revista Veja (2010, ed. 2173, ano 43, n. 28)

Em se tratando do exemplo (1), temos uma seleção lexical específica para o contexto de produção da matéria e que, por si só, já apresenta marcas linguístico-discursivas da acepção da palavra enquanto veículo flexível da ideologia. Na escolha das palavras *frieza*,

crueldade e *selvageria*, percebemos que há possibilidades de entrecruzamento de posicionamentos diferenciados e notadamente marcados por juízos de valor.

Há a presença de um sujeito-produtor, uma vez que a matéria é assinada (por dois jornalistas), é de responsabilidade individual. Esse sujeito é motivado por determinantes de ordem interna, a exemplo da política editorial da revista, e por aqueles de ordem externa, como a manifestação da opinião pública. É um sujeito movido, sobremaneira, pelas suas próprias intenções verbalizadas no texto.

Os efeitos de sentido pretendidos por tais escolhas oscilam entre a tênue linha fronteira dos sentimentos humanos e da necessidade premente de posicionamento do sujeito produtor. Sujeito esse que não consegue se destituir por inteiro de sua individualidade para se transformar em um profissional imune às comoções individuais e coletivas. No exemplo que segue vemos como esse sujeito-produtor mobiliza os recursos linguísticos de que dispõe para marcar textualmente seus posicionamentos:

(2)

INDEFENSÁVEL

As confissões e os detalhes macabros do crime que chocou o Brasil – e levou para a cadeia o goleiro Bruno, antigo ídolo da torcida do Flamengo.

Fonte: Revista Época (2010, ed. 634) [grifo nosso]

No exemplo (2), as ocorrências *indefensável*, *detalhes macabros*, *crime que chocou o Brasil* e *antigo ídolo da torcida do Flamengo*, sinalizam para essa dimensão polissêmica dos signos na qual, segundo Faraco (2007), as vozes sociais “se interpenetram, se apóiam mutuamente, entram em conflito, se contradizem, se rejeitam total ou parcialmente” (op. cit. p. 47). Percebemos no título da matéria da Revista Época marcas de um acordo social que aponta as atitudes não validadas pela coletividade – *os detalhes macabros do crime que chocou o Brasil* – e pelo sujeito-produtor do texto e marcado por uma individualidade construída no cerne dessa coletividade. Essa individualidade não resiste à passividade e quebra potencialmente a premissa da imparcialidade jornalística diante do fato ocorrido declarado como *crime*.

O jogador Bruno é evidenciado na matéria com *antigo ídolo da torcida do Flamengo*, momento em que o jornalista apropria-se de um sentimento que é interpretado como sendo partilhado por todos. As escolhas lexicais são importantes e marcadas por uma realidade que

extrapola a linearidade textual. Em sua dimensão ideológica, as palavras são portadoras de um dialogismo contínuo, corroboram a dimensão histórica, social e semiótica dos signos linguísticos. Além disso, num nível mais individual, as palavras escolhidas pelo sujeito-produtor também evidenciam seus juízos de valor frente ao que a realidade social ecoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível perceber, se nos damos conta das potencialidades linguísticas além do texto, partimos para um compreensão de que:

A unidade do texto não é dada primordialmente pela sua forma externa, mas no plano da “obra”, isto é, a unidade é dada pelo amplo e complexo quadro de relações axiológicas que presidem a atividade de produzi-lo (as condições concretas da vida dos textos, suas interdependências e suas inter-relações) (FARACO, 2007, p. 49)

No quadro das ocorrências do gênero jornalístico, as inter-relações são evidenciadas por escolhas lexicais que rompem com uma pretensa neutralidade naquela produção textual. Palavra e Ideologia se juntam construindo uma consciência relativizada, passível de muitas acepções. A consciência individual, por sua vez, é plural em sua essência, pois não evolui em um processo solitário de dentro para fora. É nas relações sociais que construímos e reconstruímos tantos significados inseridos nos mais diversos textos do cotidiano.

A materialização linguística remete a uma realidade exterior e anterior à sua construção. As palavras, atendendo à premissa da neutralidade, são entremeios para a emergência das *vozes sociais*, as quais Faraco (2007) evidencia enquanto “complexos verbo-axiológicos cuja existência decorre do fato de que as nossas relações com o mundo ao mesmo tempo que o refletem, o refratam” (op. cit. p. 47).

Nessa perspectiva, entendemos que as palavras que usamos não apenas fazem emergir nossa produção textual, além disso, resignificam o nosso dizer uma vez que são portadoras de sentidos múltiplos. A neutralidade pretendida é um pressuposto que não encontra eco nos textos/discursos que são produzidos nas interações. Pretendemos muito mais daquilo que queremos dizer de fato. Essa é uma marca da ideologia que é construída, não está pronta, não é dimensionada.

O que é ideológico, assim o é, pela decorrência dos fatos linguísticos ou não, independente de categorias ou simples posicionamentos. É uma expressão das contínuas

reelaborações de atitudes frente aquilo que nos constitui como seres humanos, mas, além disso, como sujeitos portadores de subjetividade. A ação discursiva é apenas uma das faces da atividade humana.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 8 ed. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2002

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo – as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. O estatuto da análise e da interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos (et al.). *O interacionismo sociodiscursivo – questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

FERNANDES, Nelito (et. al). *Indefensável*. Revista Época, São Paulo, edição 634, 2010. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI154043-15228,00-INDEFENSAVEL.html>> Acesso em 21 de julho de 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna. 2002.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

MIOTELLO, Valdemir. *Ideologia*. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin – conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, Ronaldo, LIMA, Roberta de Abreu. *Frieza, crueldade e selvageria*. Revista Veja, São Paulo, v. 2173, n. 28, p. 85-89, 2010.

VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].